

## PROGRAMA ESPAÇO MIRA

1 jun | 17h30

*Multiplex*

Exposição coletiva

Organização: CAM / Universidade Lusófona do Porto

10 jun - 8 jul

*WYSIWAI - What You See Is What Art Is*

Exposição dedicada a José Luiz da Rocha

Curadoria: José Maia e Joana Rodrigues

15 jul

*Momento III - as cores das primeiras palavras dos gestos*

Apresentação de trabalhos em residência artística ou em processo

Curadoria: José Maia

O ARTISTA AGRADECE:

à sua família, Acúrcio Moniz, António Gonçalves, Maria Odete Correia e Pedro Ramajal

## FICHA TÉCNICA

Direção do Espaço MIRA *Manuela Matos Monteiro e João Lafuente*

Direção Artística *José Maia*

Edição de texto *Maria Odete Correia*

Assistente de Galeria/Press Officer *Patrícia Barbosa*

Fotografia / Vídeo *Manuela Matos Monteiro, Patrícia Barbosa, José Vaz e Silva e Rui Apolinário*



ESPAÇO MIRA

Rua de Mirafior nº 159 Campanhã, Porto

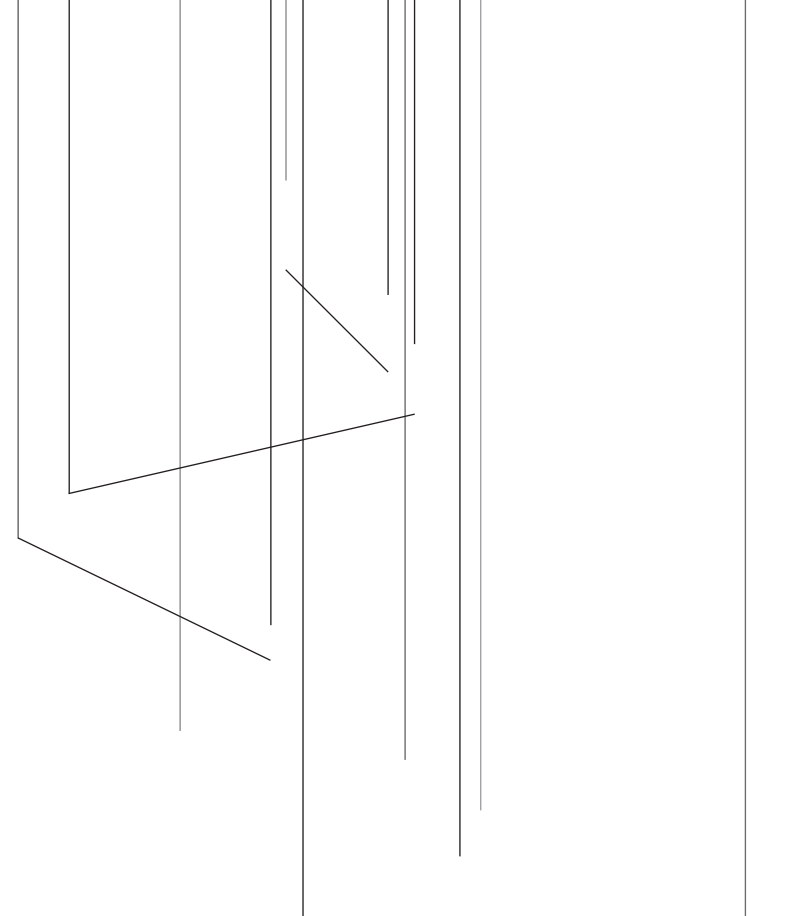
Terça a sábado, das 15:00 às 19:00

*Entrada Livre*

929 145 191 - 929 113 431

contacto@espacomira.net

www.facebook.com/espacomirafotografia



**ALHEAVA\_O LUGAR DOS AFECTOS**

**PROJECTO DE MANUEL SANTOS MAIA**

*com a colaboração de Manuela Matos Monteiro e João Lafuente*

29 abr - 27 mai 2017

1. *alheava\_ as ressonâncias do caminho*, 2017\*  
Aquarela sobre papel, fotografia e projeção de slide  
Dimensões variáveis
2. *alheava\_ o lugar dos afectos*, 2017\*  
Impressão fotográfica sobre papel e desenho de luz  
Dimensões variáveis
3. *alheava\_ o lugar imaginante, I*, 2014-2017\*  
Vídeo HD, cor, loop,  
1'5'', dimensões variáveis
4. *alheava\_ o lugar imaginante, II*, 2014-2017  
Vídeo HD, cor, loop  
5'10'', dimensões variáveis
5. *alheava\_ o lugar imaginante, IV*, 2014-2017  
Vídeo HD, cor, loop  
11'23'', dimensões variáveis
6. *alheava\_ o itinerário percorrido*, 2017\*  
Instalação - corrente metálica, impressão fotográfica e retroprojeção de fotografia sobre acetato  
Dimensões variáveis
7. *alheava\_ o lugar imaginante, III*, 2014-2017  
Vídeo HD, cor, loop  
3'44'', dimensões variáveis
8. *alheava\_ a casa atrás de si*, 2014-2017  
Vídeo HD, cor, loop  
14'15'', dimensões variáveis
9. *alheava\_ o lugar primeiro*, 2014-2017  
Vídeo HD, cor, loop  
1'55'', dimensões variáveis
10. *alheava\_ os caminhos até à luz da janela*, 2017\*  
Impressão fotográfica sobre papel, desenho de luz e retroprojeção de fotografia sobre papel, buganvília, alfinetes  
Dimensões variáveis
11. *alheava\_ a distância que principiou a encurtar-se*, 2017\*  
Instalação - impressão fotográfica sobre papel, madeira e desenho de luz  
Dimensões variáveis

\*colaboração de Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

## MANUEL SANTOS MAIA

Nasceu em Nampula, Moçambique, em 1970. Vive e trabalha no Porto. Licenciado em Artes Plásticas - Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Doutorando no Doutoramento em Artes Plásticas e Artes Visuais "Modos de Conhecimento na Prática Artística Contemporânea" pela Universidade de Vigo.

Enquanto artista, Manuel Santos Maia expõe regularmente desde 1999. Em 1999 concebe o projecto "alheava" que tem vindo a apresentar até ao presente ano. Contemplando diversas práticas artísticas, como a instalação, a fotografia, a pintura, o vídeo, a performance, o teatro e o som, as várias mostras têm sido apresentadas em diferentes países como Inglaterra, França, Estados Unidos da América, Bélgica, Espanha, Noruega, Macau e Argélia e em diversas cidades nacionais como Porto, Lisboa, Coimbra, Lagos, Oeiras, Guimarães, Braga, Tomar, Cascais, entre outras. No mais recente projecto "non", idealizado em 2003 e apresentado desde 2006, como no projecto alheava MSM cruza a noção de documento com a experiência individual e familiar, para alcançar uma espécie de "memorabilia" colectiva, enquanto espelho antropológico que nos liga a todos pelo filtro de uma "intimidade documentada". Enquanto curador, (José Maia) comissariou exposições individuais e colectivas em espaço alternativos e institucionais no Porto e Lisboa mas também em Faro, Braga, Guarda e Elvas. Organizou e co-organizou ciclos de cinema, mostras de performance. Desde 1998 tem organizado debates, conversas, conferências com criadores de diferentes áreas artísticas, curadores, artistas-comissários, críticos e historiadores. Dos vários projectos curatoriais realizados no último ano destacam-se "Lugares de Viagem - Bienal da Maia de 2015" no Fórum da Maia, "Sub 40 - para lá da memória conhecida" na Galeria Municipal (do Palácio de Cristal, a convite de Paulo Cunha e Silva), "Em tudo quanto é mundo dito ou não dito" no Cinema Batalha. Comissariou exposições individuais de Silvestre Pestana, Álvaro Lapa, Alfredo Cunha, Pedro Tudela, Cristina Mateus, Carla Filipe, Mauro Cerqueira, Paulo Mendes, Miguel Leal, Nuno Ramalho, José Almeida Pereira, entre muitos outros.

É director artístico do Espaço MIRA desde 2013, do espaço expositivo Campanha entre 2008 e 2009. Integra a equipa do Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves desde 2000, integrou a equipa do Serviço Educativo da Culturgest Porto e implementou os serviços educativos do Centro de Arte da Figueira da Foz, Museu Municipal da Figueira da Foz, do projecto Terminal em Oeiras entre outros. Atualmente é docente de "Artes Contemporâneas", "Arte, Cultura e Comunicação", "Teoria da Fotografia", e "Tecnologias da imagem" na Universidade Lusófona do Porto. Foi docente de Pintura, Desenho, Artes Visuais e Fotografia na Escola Superior Artística do Porto (ESAP) e Introdução às Arte Contemporânea no Balletatro, no Porto.

## PROGRAMA *alheava\_o lugar dos afectos*

29 abr | 16h

*alheava\_o lugar dos afectos*

Inauguração da exposição individual de Manuel Santos Maia

18 mai | 20h

*Entre África e Brasil*

Conversa a partir da exposição *alheava\_o lugar dos afectos* entre

Manuela Matos Monteiro, João Lafuente e Manuel Santos Maia e jantar africano

Teatro e música com a artista e poetisa Maria Rezende

*"Carne do Umbigo" é um espetáculo multimédia de poesia e videoarte que reúne poemas dos três livros de Maria Rezende.*

15 jul - 29 jul

*alheava\_o lugar dos afectos*

Finissage da exposição individual de Manuel Santos Maia

Acompanhámos o Maia a Moçambique no verão de 2014. Era a nossa segunda viagem ao país mas esta ida foi não só uma viagem num outro tempo mas a um outro país pelos olhos de quem vorazmente procurava as cores, os traços, a luz, as casas, os cheiros, a música ...

Subimos até Angoche e Nampula e percebemos aí melhor o que é um mapa mental desenhado pela memória atualizada e reconstruída ao longo do tempo pelos relatos da família. Por isso, reconhecemos com ele o que não conhecíamos, partilhámos as suas memórias como se fossem nossas num vaivém de descobertas e emoções.

Obrigado, Maia!

Manuela Matos Monteiro e João Lafuente, abril 2017

Esta é a terceira exposição que corresponde à segunda parte do projecto "Alheava". A primeira foi dedicada ao passado colonial português, centrando-se na província de Nampula anteriormente designada Província de Moçambique, da qual faz parte a Ilha com o mesmo nome. Voltei ao país quase 40 anos depois, em 2014, com a Manuela Matos Monteiro e o João Lafuente, e foi toda uma viagem de descoberta e redescoberta. Esta exposição é de alguma forma o resultado dessa viagem, passando por Maputo, antiga cidade de Lourenço Marques, e depois subindo para a província de Nampula que aqui está presente. Nesta exposição encontram-se inscritas as imagens da cidade e dos locais que visitamos. Aqui encontramos imagens da casa onde vivi: o exterior e também as pessoas que nela habitam; essas pessoas estão inscritas nas grades, numa composição em losangos que por sua vez remete para a composição das grades de protecção da casa. É uma colagem com desenho de luz, com retro projecção e também fotografia impressa. Nas fotografias eu também apareço; são imagens que foram captadas pela Manuela Matos Monteiro e pelo João Lafuente e em que apareço a contactar com quem habita e explora agora a loja. No piso superior da casa, encontro-me com o membro mais velho da família, uma senhora que vive no lado direito da casa geminada. Ao lado da casa encontra-se o lugar onde eu e o meu irmão nascemos, o hospital Marrer.

A exposição começa com uma fotografia em que duas crianças vão a caminho da escola; a palavra Abril está em destaque, porque as grandes transformações daquele país estão intimamente ligadas a Abril, porque a exposição acontece neste mês da renovação. Cada parte da fotografia é para mim também uma fotografia. O enquadramento da praia, projectada em três planos diferentes, três enquadramentos que juntos quase poderiam dar uma outra fotografia maior. A fotografia serve também para eu desenhar, para recompor, criando outras narrativas. A ideia de tempo está presente na fotografia seccionada e presente em cada uma das porções em separado; a fotografia cria ela própria uma teia.

A ideia de grelha que protege deverá ser entendida como uma teia de ligações, o que liga e une. Os losangos que se tocam uns nos outros, numa espécie de relevo, refletem a recepção entusiasta por parte das pessoas que estavam nas lojas. Os losangos que se assemelham a células que não se tocam, mas formam uma teia, correspondem ao contacto com a habitante actual da casa que eu não quis visitar por respeito da sua privacidade. Na composição da casa está uma buganvília, tão característica do país.

Há um grande mar, um grande banho também todo ele fragmentado, uma fotografia que se expande, que ganha outra configuração definida em termos de composição na horizontal; transmitindo a ideia de calma, de apaziguamento. As cores dominantes da exposição são o vermelho e o azul. Uma cor mais quente e uma mais fria, que se relacionam com a terra e com o mar, com o clima: a terra vermelha, a temperatura...

A ideia de mapa e de espaço está muito presente na exposição: o mapa do percurso que fizemos está desenhado com varas de madeira coloridas a aguarela: o aeroporto de Nampula, a cidade, Angoche, Ilha de Moçambique, Praia das Chocas e novamente Nampula.

Angoche foi de alguma forma o primeiro lugar da família: o meu avô foi para Moçambique em 1939; na década de 40 sobe primeiro para Lourenço Marques, sendo entretanto chamado para a província de Nampula. Até então, as casas eram feitas de colmo e é ele que introduz a construção em betão. São muitos os testemunhos da passagem do meu avô por Angoche e por isso foi o primeiro lugar que visitei. Ele construiu muito em Angoche e foi precisamente a primeira localidade que quis visitar. Encontramos muitos prédios construídos por ele e encontramos pessoas que conheceram o meu pai, e isso foi uma experiência muito forte. Esse foi o lugar de enamoramento do meu pai com a minha mãe, sendo a casa da Praia das Chocas o lugar que o meu pai ofereceu à minha mãe, numa celebração de casamento e maternidade. Angoche é uma cidade que é conhecida por num passado distante acolher etnias diferentes, com religiões diferentes que conviviam, variadas etnias, grupos diversos e, essa miscigenação, é particularmente interessante. Há ainda muitas coisas que não consegui partilhar, cada lugar justificava uma exposição individual. A próxima exposição será dedicada à Ilha de Moçambique.

Tudo isto são os lugares dos primeiros afectos entre a casa onde vivi, e a Praia das Chocas onde passamos grande parte do tempo. O Norte é quente, e a Praia das Chocas seria o lugar que ajudava a suportar melhor as altas temperaturas, daí a ideia de quente e de fresco na exposição. Creio que são imagens muito sensoriais, que de alguma forma convocam o abstracto. A cor e a pintura estão muito presentes, mas a ideia de estrutura, de racionalidade também se encontra numa paisagem intensa... As construções arquitectónicas são fascinantes e estão ali, a partilhar a rememoração de uma viagem, mas que de alguma forma proporciona uma outra viagem.

*Excerto de uma conversa maior entre Maria Odete Correia e José Maia*

